

FRI, 2 JUL 2021

Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial.

A inflação e a demografia



PAULO ROSA

Economista Sênior do
Banco Carregosa

A inflação e a demografia

O ser humano precisa de consumir para sobreviver. Mas, por vezes, a produção de um determinado país não consegue mitigar as necessidades elementares da sua população e a inflação de preços tende a subir significativamente. Nesses países a poupança é escassa e os défices das balanças correntes são elevados.

O crescente envelhecimento da população e o conseqüente aumento da dependência causam um gradual declínio da produção. Menos trabalhadores significam menos produtores. Menos oferta perante a mesma procura implica subida dos preços. Em suma, o envelhecimento da população é inflacionista do ponto de vista da produção, tal como uma doença, mais ou menos incapacitante, causa uma diminuição da produção e, por conseguinte, um aumento da inflação. Se, no limite, toda a população estivesse doente, não haveria produção, apenas consumo, e os preços tenderiam para o infinito.

Níveis elevados de poupança podem adiar a inflação numa população cada vez mais envelhecida e garantem taxas de juro baixas que suportam o financiamento da economia e promovem o investimento. Numa abordagem seccionada da população, os trabalhadores mais jovens são tendencialmente inflacionistas, consomem mais do que produzem, têm baixos níveis de poupança e antecipam o consumo recorrendo ao crédito alicerçado nas poupanças dos trabalhadores seniores, a fase da vida mais propensa à deflação. Os reformados apenas consomem suportados pelas poupanças de uma vida e tendem a ser um contributo para inflacionar os preços.

Nas últimas décadas, a China contribuiu consideravelmente para o aumento da produção mundial, para a crescente globalização e 'exportação' de deflação para as economias avançadas. A economia chinesa respondia por apenas 1,27% do PIB mundial em 1990, quase 5% em 2000, cerca de 10% em 2010 e 17% em 2020. Desde que a China começou a abrir e a reformar a sua economia em 1978, o crescimento do PIB foi em média 10% ao ano, e mais de 800 milhões de pessoas foram retiradas da pobreza. Houve melhorias significativas no acesso à saúde e à educação. A China é agora um país de rendimento médio alto. A par da China, os países do Leste

da Europa também contribuíram para o fenómeno deflacionista e diminuição do peso dos salários nas economias avançadas. A mão de obra mais barata da China e das economias do Leste da Europa desvalorizou o fator trabalho nos países desenvolvidos. As empresas das economias avançadas têm apostado mais na recompra de ações e não investem o suficiente para que a produtividade marginal do trabalho volte a crescer. Logo há aumento da desigualdade na redistribuição dos rendimentos no Ocidente, fraco crescimento económico, baixas taxas de juro e longos períodos deflacionistas. Contudo, a desigualdade entre economias avançadas e emergentes diminuiu substancialmente.

Todavia, a poupança chinesa e a sua contribuição deflacionista tendem a diminuir, influenciadas, em parte, pela política de um único filho de 1980. A recente decisão para que na China, se permita que casais tenham até três filhos, adotada em maio de 2021, provavelmente não irá conter a desaceleração no crescimento populacional de acordo com a Fitch. Atualmente, a faixa etária dos 0 aos 14 anos representa apenas 18% da população, abaixo da média mundial e indicia uma redução da força de trabalho na próxima década.

O Japão tem uma taxa de fertilidade muito baixa, uma elevada longevidade e é o país mais envelhecido do mundo, mas tem experienciado deflação há 20 anos. No entanto, cerca de 30% da população com mais de 65 anos trabalha e representa 13,4% da força de trabalho, valor que triplicou em 40 anos. A força de trabalho no Japão é de 62%, aumentou 4 pontos percentuais (pp) nos últimos 10 anos, pouco abaixo dos 66% da China, que diminuiu cerca de 15 pp desde 2000. O Japão tem pleno emprego, é o maior exportador mundial, a par da Alemanha, e tem um crescimento estável, potenciado pelo elevado progresso tecnológico. Ademais, o Japão tem 'importado' deflação da China.

A Índia e o continente africano são os principais candidatos para desempenharem o papel deflacionista da China e dos países do Leste da Europa nas próximas décadas, mas entraves políticos, economias desestruturadas e sociedades estratificadas podem ser obstáculos. Outras economias emergentes, tais como a América Latina e a Indochina podem compensar a China...